



Uema
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO MARANHÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE SÃO JOÃO DOS PATOS
CURSO DE LETRAS, LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

RITA DE KACIA FERREIRA GUIMARÃES

LITERATURA E GÊNERO: Uma análise das personagens femininas nos contos “Amor” de Clarice Lispector e “A moça tecelã” de Marina Colasanti.

São João dos Patos

2025

RITA DE KACIA FERREIRA GUIMARÃES

LITERATURA E GÊNERO: Uma análise das personagens femininas nos contos “Amor” de Clarice Lispector e “A moça tecelã” de Marina Colasanti.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras / Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos, como requisito para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Orientador (a): Profª. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues

São João dos Patos

2025

Guimarães, Rita de Kácia Ferreira.

Literatura e gênero: uma análise das personagens femininas nos contos “amor” de Clarice Lispector e “a moça de tecelã” de Marina Colasanti. / Rita de Kácia Ferreira Guimarães. – São João dos Patos, MA, 2025.

29 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual do Maranhão, Campus São João dos Patos, 2025.

Orientadora: Profa. Ma. Janaíra Caroline da Silva Rodrigues.

1. Literatura Modernista. 2. Gênero. 3. Clarice Lispector. 4. Marina Colasanti. I.Título.

CDU: 82-055.2

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

RITA DE KACIA FERREIRA GUIMARÃES

LITERATURA E GÊNERO: Uma análise das personagens femininas nos contos “Amor” de Clarice Lispector e “A moça de Tecelã” de Marina Colasanti.

Artigo apresentada ao Curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para a obtenção do grau de licenciado em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues

APROVADO EM: 14/07/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Janaira Caroline da Silva Rodrigues – UEMA

Presidente

Profa. Ma. Rhusily Reges da Silva Lira – UEMA

1º Examinador (a)

Profa. Esp. Suanny Bruno Nolêto – UEMA

2º Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

Encerrar esta etapa da minha vida com a entrega deste trabalho de conclusão de curso é para mim, mais do que uma realização acadêmica, é a concretização de um sonho construído com esforço, amor e acima de tudo, com o apoio incondicional de pessoas muito especiais.

Agradeço, de coração ao meu pai, José Luzia e à minha mãe, Gracilene da Silva, por tudo que sou. Por me ensinarem a ser forte, por cada palavra de encorajamento, por cada gesto de carinho e por sempre acreditarem em mim, mesmo quando eu duvidava. Este trabalho também é de vocês.

Ao meu amado esposo, Adriano Almeida (Nenzo Komotti) minha gratidão por caminhar ao meu lado com paciência, compreensão e apoio em todos os momentos. Seu amor e sua força foram meu refúgio nos dias difíceis e minha motivação constante.

Aos meus filhos, Ísis Maria Guimarães, Maria Valentina Guimarães e Lorenzo Guimarães, minhas razões de viver. Cada olhar de vocês, cada abraço e cada palavra de carinho me impulsionaram a seguir em frente. Que este momento sirva como exemplo de que podemos sonhar alto e lutar por nossos objetivos, sempre.

À minha orientadora, Profª. MA. Janaira Caroline Rodrigues e Rhamyflis Khalil meu profundo agradecimento pela orientação generosa, pela escuta atenta e pela dedicação que foram fundamentais para que esse trabalho se tornasse realidade. Seu apoio fez toda a diferença nesta caminhada.

A cada um de vocês, levo comigo uma parte dessa conquista.

Muito obrigada, de todo o meu coração.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar como os contos “Amor”, de Clarice Lispector, e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, constroem por meio de suas estruturas narrativas e simbólicas, reflexões acerca da violência de gênero e das relações de poder em uma sociedade de base patriarcal. A pesquisa caracteriza-se de natureza bibliográfica, fundamentando-se em referenciais teóricos voltados para a literatura brasileira no modernismo, a partir de Moisés (2001), Bosi (2006) e Veríssimo (1998), bem como nas discussões sobre gênero, patriarcado e crítica feminista, com destaque para Beauvoir (2016). A análise revela que, em “Amor”, a protagonista vivencia uma existência pautada na conformidade dos papéis de esposa e mãe, mas marcada por uma sensação de aprisionamento simbólico e invisibilidade social, rompida a partir de uma tomada de consciência catalisada por um evento inesperado. Já em “A Moça Tecelã”, a protagonista, inicialmente dona de sua própria narrativa e liberdade, vê sua autonomia ser gradualmente desfeita no contexto conjugal, até romper, de forma simbólica, com esse ciclo de opressão. Ambas as obras evidenciam, de modo sutil e poético, os mecanismos de dominação de gênero, ao mesmo tempo em que apontam caminhos de resistência, seja pela introspecção ou ação transformadora.

Palavras-chave: Literatura Modernista; Violência de gênero; Clarice Lispector; Marina Colasanti.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the short stories “Amor”, by Clarice Lispector, and “A Moça Tecelã”, by Marina Colasanti, construct, through their narrative and symbolic structures, reflections on gender violence and power relations in a patriarchal society. The research is characterized by a bibliographic nature, based on theoretical references focused on Brazilian literature in modernism, from Moisés (2001), Bosi (2006) and Veríssimo (1998), as well as on discussions on gender, patriarchy and feminist criticism, with emphasis on Beauvoir (2016). The analysis reveals that, in “Amor”, the protagonist experiences an existence based on the conformity of the roles of wife and mother, but marked by a feeling of symbolic imprisonment and social invisibility, broken by an awareness catalyzed by an unexpected event. In “The Weaver Girl,” the protagonist, initially the owner of her own narrative and freedom, sees her autonomy gradually undone in the marital context, until she symbolically breaks with this cycle of oppression. Both works subtly and poetically highlight the mechanisms of gender domination, while also pointing out paths of resistance, whether through introspection or transformative action.

Keywords: Modernism literature; Gender-based violence; Clarice Lispector; Marina Colasanti.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 DESVENDANDO O MODERNISMO BRASILEIRO	12
2.1 A mulher na literatura brasileira	17
2.2 Patriarcalismo: história e reflexões	20
2.3 Um olhar sobre a escrita de Clarice Lispector e Marina Colasanti	22
3 ANÁLISE: REPRESENTAÇÃO FEMININA E QUESTÕES DE GÊNERO EM	25
“AMOR” E A “MOÇA DE TECELÃ”	25
3.1 “Amor”, de Clarice Lispector	25
3.2 “A moça tecelã”, de Marina Colasanti	27
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

1 INTRODUÇÃO

A violência de gênero configura-se como uma das formas mais persistentes e cruéis de opressão enfrentadas pelas mulheres ao longo da história, manifestando-se tanto na vida cotidiana quanto nas manifestações culturais, como a literatura. Nos contos “Amor”, de Clarice Lispector, e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, observa-se como a experiência feminina é representada por meio de personagens que vivenciam, de formas distintas, as imposições, restrições e pressões de uma sociedade estruturada sob as bases do patriarcado. Ambas as narrativas exploram os limites entre liberdade e aprisionamento, evidenciando como o papel social destinado às mulheres se configura, muitas vezes, como um espaço simbólico de violência, silenciamento e submissão. A partir da análise dessas obras, torna-se possível compreender como a literatura funciona como instrumento de denúncia, ressignificação e resistência, ao dar voz às experiências femininas em contextos opressores.

Durante o século XIX, o acesso à educação para as mulheres era extremamente limitado, sendo reservado, principalmente, a uma minoria pertencente às elites. A concepção social da época impunha que a mulher deveria restringir-se ao espaço doméstico, exercendo funções de esposa, mãe e cuidadora do lar. Desde a infância, meninas eram ensinadas que seu dever primordial seria dedicar-se integralmente às tarefas domésticas e à família, não sendo sequer cogitada a possibilidade de exercerem atividades profissionais ou qualquer outro papel fora do ambiente doméstico. A educação formal, quando existia, tinha como foco o desenvolvimento de habilidades consideradas “adequadas” às mulheres, como boa escrita, leitura, etiqueta, culinária e cuidados com o lar, reforçando, assim, sua condição de subalternidade.

No entanto, esse acesso à educação era um privilégio restrito às mulheres brancas e de famílias abastadas. Mulheres negras e de classes populares estavam totalmente à margem desse processo, sendo excluídas tanto do espaço educacional quanto dos direitos básicos. Mesmo as que pertenciam às elites tinham sua formação limitada, voltada não para a autonomia intelectual, mas para reforçar os ideais de feminilidade e submissão.

Partindo desse contexto e motivada pela leitura dos contos, surge o interesse em pesquisar a temática visando maior aprofundamento sobre o tema. A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a representação da figura feminina nos contos “Amor”, de Clarice Lispector, e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti. No conto de Lispector, a protagonista é uma mulher que sempre desempenhou, de forma exemplar, os papéis de esposa, mãe e dona de

casa. Contudo, em determinado momento, ela se depara com reflexões profundas sobre sua vida, questionando seu lugar no mundo e os limites impostos por sua condição social. Já no conto de Colasanti, a personagem principal é uma jovem tecelã, criativa e livre, que domina com maestria a arte de tecer. Entretanto, ao desejar o casamento, ela gradualmente percebe que sua liberdade começa a ser reduzida, passando a refletir se aquele caminho de submissão e dependência correspondia, de fato, aos seus anseios.

Por séculos, as mulheres foram submetidas a uma série de violências simbólicas e estruturais, dentro e fora do ambiente doméstico. Essa violência não se manifesta apenas nas relações conjugais, mas também na imposição de padrões comportamentais, na anulação de sua voz e na naturalização da desigualdade de gênero. A figura feminina, no entanto, jamais se restringiu apenas a esse papel de subalternidade. Mesmo sob intensas pressões sociais, as mulheres foram, e continuam sendo, protagonistas de transformações culturais, sociais e literárias.

Embora tenha havido avanços significativos, a mulher ainda enfrenta inúmeros desafios, sendo, em muitos contextos, tratada como um ser inferior em relação ao homem. Apesar disso, tem-se observado uma crescente conquista de espaços de representação, atuação e autonomia, tanto na esfera pública quanto na privada. Na literatura, essa transformação se reflete por meio de uma escrita que evidencia os conflitos, as dores, os desafios e, principalmente, as resistências femininas frente às estruturas opressoras.

No âmbito do Modernismo, especialmente a partir da década de 1930, observa-se o surgimento de uma literatura mais intimista, psicológica e introspectiva, na qual se destaca a obra de Clarice Lispector. Já Marina Colasanti, embora possua uma escrita marcada pelo realismo fantástico, também contribuiu significativamente para a reflexão acerca do papel da mulher na sociedade, abordando temas como liberdade, opressão, autonomia e os desafios impostos pelo patriarcado. Diante disso, esta pesquisa é orientada pelos seguintes questionamentos: quais as visões que Clarice Lispector e Marina Colasanti constroem sobre o perfil feminino em “Amor” e “A Moça Tecelã”? De que maneira o gênero e o patriarcado se manifestam nessas obras? E, conseqüentemente, como esses elementos interferem no comportamento, nas escolhas e nos conflitos vivenciados pelas personagens?

Ressalta-se, a importância da representação feminina na literatura, seja em contos, romances ou poesias, uma vez que essas produções possibilitam não apenas a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, mas também a desconstrução dos modelos opressores que historicamente lhe foram impostos. Partindo dessa premissa, este trabalho tem como propósito

lançar um olhar crítico sobre a presença da mulher nas narrativas analisadas, enfocando, sobretudo, as manifestações de violência simbólica e estrutural que permeiam suas trajetórias.

Nesse sentido, a pesquisa busca compreender como a violência de gênero reflete as relações de poder em sociedades patriarcais e de que modo as escritoras Clarice Lispector e Marina Colasanti trazem à tona essa problemática por meio de suas personagens femininas. Ao tratar dessa temática, torna-se impossível dissociá-la das discussões sobre gênero, uma vez que as construções sociais atribuídas ao feminino moldam comportamentos, relações e expectativas ao longo de gerações. A construção da identidade feminina desde os primeiros anos de vida, esteve profundamente atrelada a uma educação pautada na obediência, no cuidado com o lar e na submissão ao homem. Esse modelo, imposto culturalmente, não apenas limitou os espaços de atuação da mulher, como também reforçou desigualdades e naturalizou a violência simbólica. Contudo, compreende-se que tais funções são construções culturais, passíveis de serem desconstruídas e ressignificadas, à medida que as sociedades evoluem e os movimentos sociais como o feminismo ganha força.

As reflexões sobre o papel social da mulher e sua busca por autonomia tornaram-se fundamentais para o fortalecimento dos movimentos feministas, que, ao longo do tempo, têm contribuído significativamente para a transformação das estruturas sociais. Segundo Soares (1998), o feminismo configura-se como uma ação política das mulheres, abrangendo teoria, prática e ética, ao transformar as mulheres em sujeitos históricos, conscientes de sua própria condição e capazes de promover mudanças em suas vidas e na sociedade.

O conceito de feminismo aqui utilizado parte do princípio de que o feminismo é a ação política das mulheres. Engloba teoria, prática, ética e torna as mulheres como sujeitos históricos da transformação de sua própria condição social. Propõe que as mulheres partam para transformar a si mesmas e ao mundo (Soares, 1998, p. 33)

Com base no pensamento de Vera Soares (1998), este trabalho assume a compreensão de que o feminismo é essencial para desconstruir os padrões historicamente impostos ao gênero feminino, rompendo com a visão de que a mulher nasceu para ser submissa ao homem. Embora tais ideologias ainda sejam persistentes em muitos contextos, observa-se um crescente movimento de resistência, fortalecimento e protagonismo das mulheres, especialmente no campo literário.

Diante disso, a mulher assume, nas últimas décadas, papel de protagonismo na literatura brasileira, não apenas como personagem, mas também como autora, teórica e agente transformadora. A presença da mulher na literatura reflete os processos históricos, sociais e

culturais que permeiam sua trajetória, possibilitando o surgimento de produções que dão visibilidade às questões de gênero, às desigualdades e às lutas femininas.

O papel da mulher na literatura brasileira tem, portanto, se transformado continuamente, refletindo as mudanças políticas, culturais e sociais do país. Desde os tempos coloniais, embora muitas vezes silenciadas, as mulheres já se faziam presentes na produção literária. Um exemplo emblemático é Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira romancista brasileira, cuja obra “Úrsula”, publicada em 1859, aborda de forma pioneira questões de raça e gênero em um contexto profundamente opressor. Sua coragem abriu caminhos para gerações futuras de escritoras, que assim como ela, desafiaram e continuam desafiando os limites impostos pela sociedade.

Nesse contexto, torna-se indispensável a análise das obras de Clarice Lispector e Marina Colasanti, escritoras cuja produção literária carrega uma profunda reflexão sobre a condição feminina, o questionamento das estruturas patriarcais e a busca pela liberdade e autonomia. Ambas, inseridas no panorama da literatura Moderna brasileira, destacam-se pela escrita sensível, intimista e, ao mesmo tempo, crítica, que rompe com os modelos tradicionais e propõe novas formas de pensar e representar a mulher na sociedade contemporânea.

Assim, a presente pesquisa visa, por meio da análise dos contos “Amor” e “A Moça Tecelã”, não apenas compreender os aspectos literários das obras, mas também contribuir para a ampliação do debate sobre a violência de gênero, as relações de poder e a construção da subjetividade feminina, reconhecendo a importância da literatura como ferramenta crítica, de denúncia e de transformação social.

Esse estudo desenvolve uma análise das obras mencionadas, focando na representação do comportamento feminino e suas relações com os contextos socioculturais e históricos em que estão inseridas, especialmente no que diz respeito às estruturas patriarcais presentes no período em que foram produzidas. Para isso, o trabalho está organizado em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Desvendando o Modernismo”, apresenta-se uma análise conceitual desse movimento, abordando suas principais características e relacionando às escritoras em questão e ao tema da pesquisa. Esse capítulo dialoga com teóricos como Massaud Moisés (2001), José Veríssimo (1998) e Alfredo Bosi (2006). O dentro desse capítulo é apresentado três as subseções, sendo a primeira a tratar sobre “A Mulher na Literatura Brasileira”, discute o percurso da mulher dentro do cenário literário, os desafios enfrentados para garantir sua voz, bem como a construção de sua escrita em meio às imposições sociais. A

segunda subseção sobre “Patriarcalismo: Reflexões e História”, aprofunda a análise sobre o conceito de patriarcado, seus desdobramentos históricos e a maneira como estruturou as relações de gênero, especialmente no que se refere à submissão feminina. A terceira subseção, “Um Olhar Sobre a Escrita de Marina Colasanti e Clarice Lispector”, dedica-se à análise das trajetórias literárias dessas autoras, destacando como suas obras abordam e questionam o papel social da mulher. Por fim, o terceiro capítulo, “Análise: Representação Feminina e Questões de Gênero nos Contos ‘Amor’ e ‘A Moça Tecelã’”, traz uma leitura interpretativa das obras, pautada nos conceitos de gênero, patriarcado e subjetividade feminina, além de realizar uma análise textual de elementos presentes nas narrativas.

2 DESVENDANDO O MODERNISMO BRASILEIRO

O Modernismo brasileiro constitui um dos mais importantes movimentos literários e culturais do século XX, sendo responsável por uma profunda reconfiguração das artes, da linguagem e da identidade nacional. Seu desenvolvimento não apenas refletiu o desejo de romper com os modelos europeus tradicionais, como também consolidou uma nova visão sobre o Brasil e seu povo. Este capítulo busca desvelar os principais aspectos do Modernismo no Brasil, a partir das contribuições de estudiosos como Massaud Moisés e Alfredo Bosi, bem como de escritoras expressivas como Clarice Lispector e Marina Colasanti.

O movimento modernista no Brasil foi inaugurado oficialmente com a Semana de Arte Moderna, realizada em 1922 no Theatro Municipal de São Paulo. Segundo Massaud Moisés, “a Semana de Arte Moderna foi um divisor de águas entre a literatura antiga e a moderna. Foi a proclamação solene de uma liberdade estética” (MOISÉS, 2001, p. 321).

A primeira fase do Modernismo (1922-1930) caracterizou-se pela atitude iconoclasta e experimental, promovida por autores como Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Manuel Bandeira. Nesta fase, houve um forte impulso de ruptura com a tradição, associado à busca por uma expressão literária autenticamente brasileira.

A segunda fase (1930-1945) introduziu um amadurecimento estético e maior engajamento social. Para Alfredo Bosi, esse período representou “a reconciliação entre vanguarda e tradição, entre forma e conteúdo, sem abrir mão do compromisso com a realidade nacional” (BOSI, 1994, p. 366).

A terceira fase (pós-1945), por sua vez, é mais diversificada e abrange várias correntes. A prosa introspectiva e psicológica de Clarice Lispector, por exemplo, simboliza a complexificação do Modernismo tardio, enquanto Marina Colasanti, já inserida em um contexto pós-modernista, resgata temas e formas com um olhar inovador. O pós-modernismo não se configura como um movimento literário coeso ou homogêneo, mas como uma atitude crítica diante dos pressupostos da modernidade. Ao invés de representar um simples estilo estético, constitui uma nova forma de interpretar e produzir arte, cultura e conhecimento, marcada pela valorização da diversidade, da instabilidade e da desconstrução de verdades fixas.

O Modernismo foi um amplo movimento artístico, cultural e literário que surgiu no

início do século XX, como resposta às transformações sociais, políticas e tecnológicas da época. Caracterizou-se pela ruptura com os modelos tradicionais e pela busca de novas formas de expressão que refletissem a modernidade, a individualidade e a realidade contemporânea. No Brasil, o movimento ganhou força com a Semana de Arte Moderna de 1922, marco simbólico de uma revolução estética que propunha a valorização da identidade nacional, o uso da linguagem coloquial e a experimentação formal. A partir desse momento, a literatura modernista passou a questionar os padrões estabelecidos, adotando uma postura crítica, irreverente e inovadora. Este trabalho tem como objetivo analisar os principais aspectos do Modernismo brasileiro, destacando suas fases, autores e contribuições para a formação de uma literatura genuinamente nacional.

Este trabalho propõe uma análise do Modernismo na literatura brasileira, explorando suas origens, suas principais características, seus autores representativos e sua influência duradoura na cultura nacional. Para isso, serão examinadas as mudanças na linguagem, os temas abordados, a relação com o contexto histórico e a forma como o movimento contribuiu para a construção de uma identidade literária brasileira mais plural, crítica e inovadora. O Modernismo surge como um processo de rompimento com um passado próximo, é nesse sentido, um grande restaurador de um romantismo repensado, ampliado e atualizado numa nova visão estética da visão brasileira.

Entre os estudiosos, há um consenso sobre o caráter estagnado da cultura brasileira no final do século XIX e início do século XX. Tirando exceções significativas como Euclides da Cunha, autor da obra monumental *Os Sertões* (1899), e Lima Barreto, com sua crítica social contundente, a produção cultural da época ainda estava presa a modelos ultrapassados e pouco conectados com a realidade do país. O Modernismo surge, assim, como uma resposta a essa estagnação, propondo a ruptura com o passado e o início de um processo de afirmação de uma identidade artística nacional.

O ciclo modernista se estende até 1945, quando mudanças no cenário cultural, político e estético indicam o surgimento de uma nova fase, com tendências mais diversificadas e que já apontam para o pós-modernismo. Essa trajetória da exposição de 1917 ao novo panorama de 1945 representa um período decisivo para a consolidação de uma cultura brasileira moderna, crítica e autenticamente nacional.

Como Massaud Moisés cita: “O modernismo significou, para o Brasil, a conquista da maioria cultural, pois representou a tentativa consciente de criar uma literatura autêntica, sem subordinação aos modelos europeus.” (MOISÉS, P.386)

Nessa passagem, Moisés interpreta o Modernismo como um processo de emancipação literária. Ou seja, o Brasil deixou de imitar estilos estrangeiros e passou a buscar uma identidade própria, representando sua cultura, seu povo e sua realidade com mais autenticidade. Essa busca está presente, por exemplo, em obras como *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

Essa virada cultural surge na segunda metade do século XX, em um mundo profundamente impactado pelos traumas de duas guerras mundiais, do colapso de regimes totalitários, do avanço acelerado da tecnologia e pelo fenômeno da globalização. Assim, a pósmodernidade representa uma era de transição, onde antigas certezas são substituídas por questionamentos e pela busca por interpretações múltiplas e provisórias. O pensamento pósmoderno, não procura respostas definitivas, mas valoriza a dúvida, a instabilidade e o pluralismo, promovendo um olhar desconfiado, criativo e questionador sobre os conceitos de verdade, arte, identidade e conhecimento.

No âmbito da literatura, o Modernismo se manifesta como uma reação ao racionalismo moderno e ao otimismo progressista do modernismo. Essa manifestação ocorre por meio da quebra da linearidade narrativa, do hibridismo de gêneros, da metalinguagem, da ironia e da recusa de qualquer pretensão de representação estável da realidade. Embora não se constitua no Brasil como um movimento formalmente organizado, diversas obras literárias nacionais evidenciam características marcadamente pós-modernas.

Nesse contexto, destaca-se a contribuição do crítico literário Massaud Moisés (2001), cuja obra oferece importantes ferramentas para compreender o Modernismo na literatura brasileira. Para Moisés, o pós-modernismo ultrapassa a mera adoção de técnicas estilísticas, assumindo-se como uma postura crítica frente ao mundo e à arte. Segundo Moisés (2001, p. 544), “O modernismo, mais que um estilo, é uma postura intelectual que não reconhece mais os valores da razão iluminista, questiona a linearidade histórica e põe em dúvida a própria função da arte”.

Essa descrença nas verdades absolutas dá origem a uma literatura que rompe com o conceito tradicional de representação mimética, colocando em xeque a autoridade do autor e adotando estratégias como a fragmentação, a ironia e a metaficção. Conforme observa Moisés (2001, p. 546), “a metaficção surge como um instrumento pelo qual a literatura tematiza suas próprias fronteiras, denunciando-se como construção e recusando-se a ser espelho do real”.

Dessa forma, compreende-se o Modernismo não como um movimento formalizado,

mas como um “modo de estar” na literatura e no mundo, caracterizado pela fragmentação, pela multiplicidade de discursos e pela constante desconfiança frente aos modelos tradicionais de representação. Essa perspectiva proposta por Moisés contribui significativamente para entender as complexidades que definem a literatura moderna.

Sob outro viés, José Veríssimo (1998), crítico do final do século XIX, embora não pertencente ao contexto moderno, oferece uma visão contrastante, pois defendia a literatura como um reflexo fiel da realidade e da moral de um povo. Para ele: “A literatura é o mais verdadeiro e fiel reflexo da vida moral de um povo.” (Veríssimo, 1998, p. 49)

Esse entendimento contrasta radicalmente com a visão moderna que rejeita a ideia de espelhamento da realidade e rompe com qualquer concepção de verdade universal. Assim, o pensamento de Veríssimo serve como contraponto teórico, representando exatamente os valores que o pós-modernismo questiona e desconstrói.

Já Alfredo Bosi (2006, p. 488), oferece uma leitura crítica mais equilibrada e atualizada sobre o fenômeno. Em sua obra “História Concisa da Literatura Brasileira”, Bosi observa que: “A cultura moderna é aquela que aceita a simultaneidade de tudo, inclusive dos contrários, o que pode levar tanto à liberdade quanto à despolitização”.

Bosi, portanto, adverte sobre os riscos de uma literatura que se rende ao simulacro, à superficialidade e às exigências do mercado, mas também reconhece que esse contexto permite uma forma específica de crítica, realizada por meio da ironia, da paródia e do questionamento das convenções. Sua posição revela-se ambivalente: por um lado, alerta para o risco da perda de engajamento social; por outro, admite que, mesmo no ceticismo pós-moderno, há espaço para uma crítica potente, embora indireta.

Ao confrontarmos os pensamentos de Moisés, Veríssimo e Bosi, torna-se evidente que o modernismo se configura como uma resposta múltipla, por meio de uma reação contra a rigidez formal, contra as ideologias totalizantes e contra a busca por verdades absolutas. Enquanto Moisés interpreta o modernismo como uma fase de ruptura e reconfiguração da tradição, Veríssimo representa os valores que esse movimento critica, e Bosi oferece uma análise equilibrada, capaz de reconhecer tanto os riscos quanto as potencialidades dessa nova configuração estética e cultural.

Diante desse panorama, é fundamental destacar o papel de Clarice Lispector e Marina Colasanti no cenário do modernismo brasileiro. Ambas as escritoras desempenham papéis essenciais na consolidação de uma literatura que reflete as inquietações existenciais, a

fragmentação narrativa e a valorização da subjetividade, características centrais do pensamento pós-moderno.

Embora Clarice Lispector tenha iniciado sua carreira antes da consolidação do modernismo, sua obra antecipa muitas das características desse movimento. Sua escrita é marcada por uma linguagem introspectiva, não linear e profundamente reflexiva, que busca sondar os aspectos mais íntimos da existência humana. Ao desconstruir as estruturas tradicionais de narrativa, a autora dá lugar ao fluxo de consciência e à experimentação estética, elementos que a aproximam das tendências modernas.

Clarice Lispector é considerada uma das maiores expressões da terceira fase modernista. Sua obra é marcada por uma linguagem introspectiva, filosófica e fragmentária, que rompe com as convenções narrativas tradicionais. Em romances como *A Paixão Segundo G.H.* e *Perto do Coração Selvagem*, a autora explora a subjetividade humana em profundidade.

Segundo Massaud Moisés, “Clarice Lispector não escreve para contar histórias, mas para revelar estados de alma, para mergulhar no mistério da existência” (MOISÉS, 2001, p. 415). Sua escrita desafia o leitor, pois frequentemente abdica da linearidade e da objetividade, concentrando-se na sensação, no instante e na epifania.

Marina Colasanti, por sua vez, contribui com uma literatura que transita entre poesia, prosa e elementos míticos. Sua escrita é marcada por um estilo refinado, simbólico e, muitas vezes, onírico, que ressignifica elementos dos contos de fadas sob uma ótica contemporânea e crítica. Ao fazê-lo, constrói narrativas que dialogam com os desafios da condição feminina e com as tensões próprias da pós-modernidade.

Marina Colasanti, embora não seja uma modernista ortodoxa, representa a continuidade e reinvenção de certos aspectos do modernismo, sobretudo pelo caráter lírico e simbólico de sua obra. Suas narrativas breves, como as presentes em *Doze Reis* e *a Moça no Labirinto do Vento*, resgatam o universo do conto de fadas, reconfigurado sob uma ótica contemporânea e feminista.

A escritora trabalha com uma linguagem extremamente visual e poética, promovendo um reencantamento do mundo. Como afirma Alfredo Bosi, "o valor simbólico da narrativa moderna muitas vezes reside na capacidade de redimensionar o real com os olhos do mito e da poesia" (BOSI, 1994, p. 402). Marina Colasanti se insere perfeitamente nessa visão.

Tanto Clarice quanto Marina compartilham a centralidade da interioridade, da

subjetividade e da linguagem como instrumentos de revelação do ser. Suas obras rompem com modelos fixos, rejeitam verdades absolutas e oferecem uma visão crítica das estruturas de poder, especialmente no que diz respeito às experiências femininas, alinhando-se, assim, às propostas do pensamento e da estética pós-moderna.

2.1 A mulher na literatura brasileira

A produção literária brasileira ao longo de sua trajetória, atravessa transformações significativas, ora simbolizando avanços, ora refletindo retrocessos. O tempo, enquanto juiz das obras, cumpre o papel de selecionar e consolidar aquilo que permanece como expressão relevante da cultura e da sociedade.

No campo da prosa, especialmente no romance e no conto, percebe-se desde a década de 1930 uma tendência de aprofundamento na subjetividade na introspecção e na exploração psicológica dos personagens. Dentro desse panorama, destaca-se a obra de Clarice Lispector, cuja escrita redefine os rumos da literatura intimista no Brasil.

De maneira geral, a literatura brasileira desde o século XVI até a contemporaneidade, configura-se como um espelho simbólico da construção da autoimagem nacional. Por meio dela articulam-se tanto descrições do espaço geográfico e humano quanto representações subjetivas e singulares da experiência social. O escritor enquanto artista, não apenas registra fatos, mas recria a realidade, construindo uma verdade estética que transcende a mera reprodução do mundo empírico. Desse modo, a literatura torna-se uma expressão das relações humanas, dos sentimentos e das interpretações subjetivas da existência.

A produção literária brasileira, especialmente a partir da década de 1960, representa um desafio constante para a crítica e para a historiografia literária, que precisam lidar com a redefinição dos valores canônicos e com as múltiplas formas de legitimação cultural. Esse período caracteriza-se por uma visibilidade desigual, tanto na crítica acadêmica quanto na mídia, além de apresentar recorrentes imagens do ser humano moldadas por experiências de opressão, angústia e marginalização.

No que se refere às personagens femininas da tradição romântica, observa-se que estas, por muito tempo, foram projetadas no imaginário dos leitores ora como símbolos de moralidade e virtude, ora como figuras transgressoras, que desafiaram as normas impostas pela sociedade patriarcal do século XIX. Esse tensionamento reflete a contradição entre os papéis

que se esperava que a mulher desempenhasse e os caminhos que algumas personagens trilham, rompendo com expectativas sociais rígidas.

A literatura, deve ser entendida como manifestação artística, cuja essência reside no uso estético da palavra. Seja na escrita, na música ou em qualquer outro campo da expressão artística, sua função é despertar no leitor uma experiência estética, conforme afirma Afrânio Coutinho:

A literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores – políticos, religiosos, morais, filosóficos. (Coutinho, 1955, p. 7)

A reflexão de Coutinho fortalece a compreensão da literatura como uma expressão artística autônoma, que embora dialogue com a sociedade e com a cultura, não está condicionada à reprodução literal da realidade. A literatura, nesse sentido, assume um papel híbrido, movendo-se entre o ficcional e o social, permitindo tanto a criação de mundos imaginários quanto a elaboração de críticas sociais e denúncias simbólicas.

Nesse mesmo entendimento, Antonio Candido (2007, p. 25) acrescenta que: “A literatura pode ser entendida como uso estético da linguagem, ou um conjunto de obras de determinado valor estético e características em comum em dado período, que compõem um sistema literário”.

Dessa forma, a literatura constitui-se como um sistema estruturado, dentro do qual os escritores encontram diversas possibilidades de expressão estética, estilística e temática. Cada autor, a seu modo, utiliza a linguagem para traduzir as inquietações de seu tempo e para refletir sobre a condição humana.

Afrânio Coutinho (1998), também reforça essa perspectiva ao afirmar que a literatura é vida, parte da vida, não se admitindo que possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana.

Essa concepção permite compreender que a literatura não apenas reflete, mas também ressignifica a vida e as experiências humanas, sendo frequentemente utilizada como meio de expressão dos sentimentos, das opressões e das dinâmicas socioculturais. Assim, muitos textos literários assumem a função de denúncia, dando voz às angústias e aos anseios de grupos marginalizados ou silenciados.

A função crítica da literatura, reside na sua capacidade de instigar reflexões, de promover questionamentos e de possibilitar múltiplas interpretações. Cada obra, seja conto, romance, crônica ou poesia, carrega em si um potencial transformador, na medida em que permite ao leitor desenvolver uma visão mais crítica sobre o mundo e sobre as relações sociais.

Como toda forma de arte o texto literário constitui-se como uma transfiguração da realidade. É a vida reelaborada pela sensibilidade do artista, por meio da linguagem da forma a pensamentos, emoções e experiências. Afrânio Coutinho (1955, p. 43), sintetiza esse entendimento ao afirmar que: “Suas divisões correspondem aos grandes estilos artísticos que tiveram representação no Brasil, desde os primeiros instantes em que homens aqui pensaram e sentiram, e deram forma estética a seus pensamentos e sentimentos”.

Além de sua função estética, é imprescindível reconhecer o papel social, político e cultural que a literatura exerce na formação das identidades culturais e dos papéis sociais. No que diz respeito à representação da mulher, a pergunta fundamental que se impõe é: onde estão as mulheres na literatura? Por muito tempo, as mulheres ocuparam espaços secundários, tanto como autoras quanto como personagens, muitas vezes representadas sob a ótica masculina e dentro dos parâmetros do patriarcado.

A inserção da mulher na literatura enquanto sujeito de escrita representa um movimento de resistência e de reivindicação por voz e autonomia. Historicamente, as mulheres foram subjugadas não apenas no âmbito cultural, mas também nas esferas social, política e econômica. O surgimento de uma literatura de autoria feminina que começa de forma ainda tímida no século XIX, ganha força e projeção a partir do século XX, especialmente nas décadas de 1960 e 1970 em consonância com os movimentos feministas e os debates sobre gênero.

Durante esse período, intensifica-se o processo de desconstrução dos modelos literários tradicionais, ancorados em ideologias de gênero que perpetuavam a marginalização feminina. As mulheres, antes silenciadas, começam a ocupar espaços na literatura, tanto como protagonistas de suas narrativas quanto como produtoras de conhecimento e da arte. Esse processo é impulsionado pelo fortalecimento da imprensa feminina, criação de jornais e revistas voltados aos interesses das mulheres, e a crescente circulação de obras que tematizam suas experiências, dores, resistências e subjetividades.

Por meio de gêneros como o conto, a crônica, a poesia e o romance, as escritoras passam a retratar não apenas o cotidiano feminino, mas também as opressões impostas pelo sistema patriarcal, os desafios da construção de identidade e as lutas por liberdade e autonomia.

Assim, a literatura torna-se uma ferramenta de emancipação, denúncia e transformação social, permitindo que a voz feminina antes marginalizada, ganhe centralidade na produção cultural.

2.2 Patriarcalismo: história e reflexões

A sociedade patriarcal implantada no Brasil desde o período da colonização portuguesa estabeleceu uma cultura de subordinação do sexo feminino ao masculino. Nesse modelo social a mulher é concebida como um ser naturalmente submisso às figuras paterna e marital, sendo submetida à autoridade do pai durante a infância e adolescência, e posteriormente, entregue ao domínio do marido após o casamento.

Dentro desse contexto, a mulher é tratada como propriedade do homem, limitada ao papel de objeto de satisfação sexual, reprodutivo e de cuidado, sem direito à autonomia sobre sua própria existência. Esse imaginário social, sustentado e legitimado ao longo da história, serve de base para a perpetuação de diversas formas de violência contra a mulher, fundamentadas na ideia de posse e controle masculino sobre seus corpos, desejos e projetos de vida.

O patriarcado configura-se, portanto, como um sistema social estruturado na hierarquização dos gêneros, no qual os homens detêm privilégios, poder e controle sobre as mulheres, consolidando uma lógica de dominação. No Brasil, essa lógica patriarcal é evidente nas relações sociais, culturais e econômicas, resultando na naturalização da violência de gênero, uma problemática social complexa e persistente que compromete sobretudo a vida das mulheres.

Desde os primórdios da organização social, às mulheres foi sistematicamente negado o direito à igualdade sendo constantemente reduzidas a papéis secundários e subalternos. As construções simbólicas acerca do feminino vinculadas à beleza, fragilidade, pureza e docilidade foram historicamente reproduzidas e internalizadas sem questionamento, moldando comportamentos e expectativas que reforçam a submissão feminina.

A filósofa francesa Simone de Beauvoir (2016), em sua obra “O Segundo Sexo”, destaca que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, afirmando que a identidade feminina é uma construção social e cultural, forjada a partir dos papéis atribuídos pela sociedade patriarcal. Para a autora, as mulheres foram historicamente posicionadas como o “outro” em relação ao sujeito universal que é o homem, sendo concebidas a partir de uma lógica de alteridade e subalternidade.

As reflexões de Beauvoir permitem compreender que as limitações impostas às mulheres não são biológicas, mas sim construções sociais que foram se consolidando ao longo dos séculos.

No existencialismo, pelo contrário, o eu não existe; eu existo como sujeito autêntico, em um brotar renovado sem cessar, que se opõe à realidade cristalizada das coisas; lanço-me sem auxílio, sem guia, em um mundo em que não estou de antemão instalado; sou livre, os meus projetos não são definidos por interesse pré-existente; eles mesmos determinam o seu fim (Beauvoir, 1948, p. 34).

Para Beauvoir, não existe uma essência que determine o ser humano; cada sujeito é livre para construir a sua existência, apesar das imposições culturais, sociais e históricas. A liberdade é central em sua filosofia, sendo negada às mulheres por meio de dispositivos que as mantêm em estado permanente de opressão.

Pierre Bourdieu (2002), em sua obra “A Dominação Masculina”, contribui para essa análise ao introduzir o conceito de violência simbólica, mecanismo pelo qual o patriarcado se mantém de forma sutil, naturalizada e quase invisível. Segundo o autor, a dominação masculina não se sustenta apenas pela coerção física ou legal, mas sobretudo por meio de práticas, discursos, hábitos e representações que internalizados pelos próprios indivíduos, reproduzem a desigualdade de gênero de maneira contínua.

As mulheres inseridas nesse sistema não apenas sofrem a opressão, mas muitas vezes são socializadas para aceitá-la, naturalizando sua condição de subalternidade como algo legítimo e até desejável, o que torna o patriarcado um sistema de dominação extremamente eficiente e resiliente.

Bell Hooks (2019), por sua vez, amplia essa discussão ao propor uma abordagem interseccional, ressaltando que o patriarcado não pode ser analisado isoladamente, mas deve ser entendido em articulação com outros sistemas de opressão, como o racismo e o classismo. Para a autora, as mulheres negras e periféricas enfrentam uma opressão que se manifesta de maneira sobreposta e interligada, tornando suas experiências ainda mais complexas e violentas.

Nesse sentido, Hooks evidencia que o enfrentamento ao patriarcado precisa considerar não apenas a desigualdade de gênero, mas também as desigualdades raciais e socioeconômicas, que aprofundam as condições de marginalização de determinados grupos de mulheres.

As reflexões de Simone de Beauvoir, Pierre Bourdieu e Bell Hooks revelam que o patriarcado opera de maneira multifacetada, moldando desde as subjetividades individuais até as estruturas institucionais. Essa lógica de dominação manifesta-se na cultura, economia,

educação, linguagem, nas relações familiares e nos espaços públicos, reafirmando cotidianamente a desigualdade de gênero.

Refletir sobre a mulher no contexto do patriarcado é revisitar séculos de invisibilização, silenciamento e marginalização, nos quais a identidade feminina foi construída a partir de uma ótica que a reduzia a papéis secundários, sempre em relação e subordinação ao masculino.

Historicamente, as mulheres foram sistematicamente excluídas dos espaços de poder, da política, da ciência, da filosofia, da produção cultural, sobretudo do direito sobre seus próprios corpos e suas escolhas. Entender como esse sistema se estruturou ao longo do tempo também nos permite compreender como as mulheres resistiram e ainda resistem a essa lógica opressora.

O patriarcado não apenas define os papéis sociais de homens e mulheres, mas também estabelece uma divisão do trabalho que associa os homens às esferas produtivas, públicas e políticas, enquanto reserva às mulheres as funções domésticas, reprodutivas e afetivas. Essa separação consolida uma hierarquia que naturaliza a ideia de que o lugar da mulher é restrito ao ambiente privado, em função de cuidados, reprodução e manutenção da vida.

A dominação patriarcal, como explica Bourdieu, não se mantém apenas pela força ou pela violência física direta, mas principalmente por meio da dominação simbólica e sutil, quase imperceptível, porém profundamente enraizada. Essa forma de dominação se infiltra nas palavras, nos discursos, nas normas de beleza, nas expectativas sociais, e até no modo como as próprias mulheres são ensinadas a se perceberem, como inferiores, dependentes ou subordinadas.

Portanto, refletir criticamente sobre o patriarcado não é apenas compreender os mecanismos que sustentam a opressão de gênero, mas também reconhecer a urgência de desconstruir suas bases, tanto no campo simbólico quanto no material, como caminho para a construção de uma sociedade verdadeiramente igualitária.

2.3 Um olhar sobre a escrita de Clarice Lispector e Marina Colasanti

Marina Colasanti tem uma escrita marcada pela sensibilidade, pelo engajamento,

pela poética, com questões sociais (especialmente quando se trata de gênero) e por uma forte valorização da imaginação. Sua obra está relacionada entre gêneros, conto, poesia, crônica, literatura infantil, com uma linguagem mais requintada, lírica e bem reflexiva.

Marina escreve para transformar a realidade, dando voz ao cotidiano, ao simbólico, a fantasia e principalmente a mulher. Sua escrita é entendida como um instrumento de revelação, um modo de enxergar além da superfície das coisas. Dentro das suas palavras escrever é abrir pequenas janelas no real, deixando entrar a luz da crítica e da imaginação.

Para a escritora escrever é uma forma de libertar os seus sentimentos, a mesma cita: “Escrevo porque me dói. Escrevo para não doer mais” (Colasanti, 1968). Escrever Para Marina é uma forma de deixar bem claro para a sociedade os seus sentimentos, se libertando de questões que a machucam, que a lhe causam intrigas sentimentais.

Sua escrita, literatura é marcada pela consciência do mundo e pela sua sutil forma. Marina escolhe cada palavra com precisão, acreditando que o texto deve ser cuidado como uma obra de arte. Marina Colasanti tem uma jornada ligada ao feminismo e a luta pela representação das mulheres na literatura. Muitos de seus textos, como “A moça de Tecelã” aborda papéis femininos tradicionais, revelando a opressão imposta pelo patriarcado e subvertendo contos de fadas para dar protagonismo às mulheres. Como a mesma cita: “Na sociedade patriarcal, as mulheres foram ensinadas a amar quem as fere” (Colasanti, 2007).

Seus contos maravilhosos, questionam o poder, a opressão e o destino. Em histórias como A moça de tecelã, a autora combina lirismo e crítica social. Para Marina escrever é um ato de responsabilidade, acreditando a ética da linguagem na importância da palavra bem trabalhada, respeitando ao leitor. Seu estilo é marcado por economia verbal, intensidade poética e profundidade emocional. Ela também é uma autora comprometida com a igualdade de gênero, educação e o pensamento crítico, sem jamais abrir mão da beleza da forma.

A visão de escrita de Marina Colasanti combina arte, subjetividade. Sua literatura não apenas encanta, ela interroga, provoca e liberta. Ao reescrever mitos, contos e memórias, Marina constrói uma escrita que afirma a mulher, a imaginação e o direito à palavra como caminhos para a transformação pessoal e social.

Clarice Lispector, por sua vez, tem uma escrita intensa, existencial e filosófica. Sua obra rompe com os padrões narrativos tradicionais, deslocando o foco da ação externa para o mundo interior dos personagens, principalmente das mulheres. A linguagem em Clarice não é

apenas um meio de comunicação, sendo um território de revelação, de mistério e de transformação.

Clarice não usa o seu dom da escrita para contar histórias com enredos definidos, ela escreve para investigar o ser, o vazio, o instante, o absurdo da existência. Seus personagens, muitas vezes são mulheres comuns, donas de casa/ mães, que passam por rupturas silenciosas.

Sua escrita é feita de descontinuidade, pausas, fluxos de consciências que refletem a própria dificuldade de expressar o que é profundamente humano. Clarice desconstrói a linguagem cotidiana para revelar o que está por trás dela. Ela desconstrói certezas, mergulha no silêncio, nas falhas da linguagem, nos espaços em branco do pensamento. A escrita torna-se uma forma de tocar o invisível, o que a razão não explica, mas o que o ser sente.

Embora nem sempre se definisse como feminista, Clarice foi uma das maiores vozes femininas da literatura brasileira. Suas personagens rompem com os estereótipos da mulher idealizada ou submissa. Elas desejam, pensam, duvidam, enlouquecem, por vezes reagem ao tédio doméstico e a anulação social, mesmo que em silêncio. No conto “Amor”, Clarice apresenta uma mulher que confronta seus limites, tanto físicos, como psicológicos e espirituais, em um mundo que frequentemente reduz a mulher.

A escritora tem uma escrita marcada pela busca constante, revelando o ser humano em sua nudez mais crua e verdadeira. Sua escrita exige mais do leitor; atenção, sensibilidade e disposição para se perder nos labirintos da alma humana. Clarice não escreve para agradar, ela escreve para desvelar, inquietar e transformar.

Como foi citado nos capítulos anteriores, Clarice Lispector e Marina Colasanti são escritoras que tiveram importância no modernismo por ter uma escrita que buscava romper com as estruturas tradicionais, exploravam a subjetividade e desafiavam os limites entre gêneros literários, entre real e imaginário, e entre linguagem e silêncio. Ambas as escritoras problematizavam temas como a condição feminina, o sentido da existência, a identidade fragmentada e a instabilidade da linguagem, que são centrais no pensamento moderno.

3 ANÁLISE: REPRESENTAÇÃO FEMININA E QUESTÕES DE GÊNERO EM “AMOR” E A “MOÇA DE TECELÃ”

Os contos “Amor”, de Clarice Lispector, e “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, abordam as questões de gênero sob perspectivas distintas, porém convergentes, ao revelarem aspectos fundamentais da experiência feminina em sociedades marcadas por expectativas tradicionais e pela imposição de papéis socialmente construídos para as mulheres. Ao tratar de gênero, é imprescindível compreender que essa categoria não se refere apenas às diferenças biológicas, mas às construções sociais, culturais e simbólicas atribuídas aos sexos. Trata-se, portanto, de um sistema de relações assimétricas de poder que resulta da elaboração social dos papéis masculinos e femininos. Desde a gestação, a sociedade já impõe expectativas, a definição de cores, azul para meninos e rosa para meninas é apenas um exemplo simbólico dessa construção. Esse processo se intensifica na infância, onde são ensinados deveres, direitos e comportamentos distintos para cada gênero, reforçando a divisão sexual do trabalho e da vida.

Historicamente, às mulheres foi atribuído o espaço privado, associado ao cuidado do lar, dos filhos e do marido, enquanto aos homens coube o espaço público, relacionado ao trabalho, à política e à decisão. Essa lógica patriarcal legitima desigualdades que atravessam gerações, moldando subjetividades femininas de forma opressora e limitante.

3.1 “Amor” de Clarice Lispector

No conto “Amor”, Clarice Lispector apresenta a personagem Ana, uma mulher que vive aprisionada na rotina doméstica, configurando-se como representação da alienação feminina imposta pelo patriarcado. Ela é esposa, mãe de dois filhos e dona de casa, uma mulher típica da classe média, cuja vida se resume às atividades do lar e aos cuidados familiares, em consonância com os padrões de gênero tradicionais.

A narrativa se desenvolve a partir de um episódio aparentemente banal, mas profundamente simbólico, durante seu trajeto cotidiano de volta para casa, Ana observa um homem cego mascando chiclete em um ponto de bonde. Essa cena, à primeira vista trivial, rompe abruptamente sua sensação de segurança, desencadeando uma crise existencial. O desconforto gerado pelo encontro revela o quanto sua vida estava sustentada por uma rotina

mecânica e alienante, marcada pela anulação de seus desejos e de sua individualidade. Lispector descreve esse momento de ruptura com profundidade psicológica.

O que havia mais que fizesse Ana se apumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles [...] um homem cego mascava chicles. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar, o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão, sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, como se ele a tivesse insultado [...] (Lispector, 1960, p. 12).

O cego, nesse contexto, funciona como uma metáfora do “outro”, do estranho, do imprevisível, que desestabiliza a aparente harmonia da vida de Ana, forçando-a confrontar o vazio existencial que sua rotina oculta. A mastigação do chiclete, um gesto banal, adquire, na percepção de Ana, um significado perturbador, como se representasse o deboche da própria vida diante da alienação em que ela se encontra.

A breve ruptura proporcionada por esse encontro faz Ana questionar seu papel social, sua condição de mulher, mãe e esposa. Contudo, a força do condicionamento patriarcal é tamanha que após esse momento de crise, ela retorna à sua rotina, reassumindo seu papel social como se nada tivesse ocorrido. Esse retorno simbólico evidencia como a sociedade patriarcal reprime os questionamentos femininos, exigindo da mulher a manutenção de uma ordem que lhe é desfavorável.

A leitura do conto à luz dos estudos de gênero permite compreender Ana como representação da mulher que segundo Beauvoir (2009), é concebida como “o outro”. Nas palavras da filósofa: “Não se nasce mulher, torna-se mulher.” Ou seja, Ana não vive sua existência plena, mas cumpre uma função social construída e imposta, moldada para atender às expectativas alheias do marido, dos filhos e da sociedade

Ana é apresentada como uma mulher comum, casada, mãe de filhos, dona de casa, que vive imersa em uma rotina previsível e aparentemente satisfatória. Seu cotidiano é organizado, seguro e pautado por tarefas repetitivas. Essa estabilidade, no entanto, não é sinal de plenitude, mas sim de um modo de vida automatizado, sem espaço para reflexão ou emoção profunda. Clarice constrói Ana como símbolo da mulher aprisionada pela rotina doméstica, que vive mais pela repetição do que pela consciência.

A personagem Ana representa a mulher que, ao ser confrontada com o inesperado (o cego), é obrigada a olhar para dentro de si e questionar os papéis que desempenha. O conto de Clarice Lispector, portanto, pode ser lido como uma crítica sutil à condição feminina tradicional e uma reflexão existencial sobre o ser humano diante do desconhecido.

3.2 “A moça tecelã” de Marina Colasanti

O conto “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti, presente na obra “Mais de 100 histórias maravilhosas” de 2015, constrói uma narrativa profundamente simbólica e poética sobre a condição feminina, utilizando a metáfora do tear como eixo central para discutir autonomia, aprisionamento e emancipação.

A moça tecelã é apresentada como uma figura feminina ligada ao fazer artesanal, à criação delicada e autônoma. Ela tece sua casa, seus objetos e seu mundo com fios saídos do próprio ventre o que simboliza uma ligação íntima entre corpo, identidade e criação. Sua arte não é apenas funcional: é uma extensão de si mesma, feita em total liberdade. Tecelã aqui representa a mulher autossuficiente, que constrói seu universo a partir de si, com criatividade e autonomia.

No início da narrativa a jovem tecelã vive sozinha, plenamente satisfeita e em paz, tecendo a própria vida. Ela é dona de si, autora de sua existência, livre para construir e reconstruir seu mundo. Entretanto, quando um homem belo surge e conquista sua confiança, essa autonomia é gradualmente subvertida. A partir desse momento, ela passa a tecer para ele, deixando de ser protagonista de sua história para assumir o papel de cuidadora e servidora.

Esse processo reflete, simbolicamente, o que ocorre na vida de muitas mulheres socializadas para priorizar o outro, geralmente o homem, abdicando de si mesmas. A imposição do masculino sobre o universo feminino no conto, representa a opressão patriarcal que limita, subjuga e aprisiona as mulheres em papéis historicamente determinados.

Contudo, diferentemente do conto de Lispector, em que a protagonista retorna ao papel tradicional, em “A Moça Tecelã” ocorre uma ruptura decisiva. Ao perceber-se subjugada, a tecelã desfaz tudo o que havia tecido e com isso, rompe também com a relação que a aprisionava. Essa atitude representa uma metáfora poderosa sobre a desconstrução dos padrões patriarcais e a reconquista da autonomia e da liberdade.

Conforme Zilberman (2005, p. 100), “Marina Colasanti lida com o conto de fadas em outra direção: adota as personagens tradicionais para extrair delas situações novas, que traduzam o mundo interior e os desejos profundos dos seres humanos”. Assim, o conto de Colasanti não apenas denuncia a opressão, mas também aponta caminhos para a emancipação,

transformando o ato de tecer historicamente associado ao feminino em um símbolo de resistência, de empoderamento e de reconstrução identitária.

A análise do conto sob o viés de Bakhtin (1998), reforça que a literatura transcende o plano linguístico, sendo expressão viva das relações sociais, culturais e históricas. Ao resgatar elementos dos contos de fadas e reelaborá-los sob uma ótica feminista, Marina Colasanti oferece uma crítica contundente aos papéis tradicionais impostos às mulheres, sobretudo nos contextos das décadas de 1970 e 1980, quando a luta feminista no Brasil se intensificava.

No trecho do conto: “Com fios tirados de seu próprio ventre, ela tecia.” Essa frase, logo no início do conto, estabelece a imagem simbólica da criação a partir do próprio corpo, representando a autonomia criativa e existencial da personagem. Tecendo com fios que saem de dentro de si, a moça constrói o mundo ao seu redor com base na própria essência. Essa metáfora associa a tecelagem à maternidade, à arte e à individualidade. Ela não depende de nada externo: sua vida, sua casa, seus objetos, tudo é produto de si mesma.

Tanto “Amor”, de Clarice Lispector, quanto “A Moça Tecelã”, de Marina Colasanti, dialogam com questões centrais da condição feminina em uma sociedade estruturada pelo patriarcado. Se no conto “Amor, a protagonista permanece presa à lógica da submissão e da alienação, ainda que por instantes questione sua condição, em “A Moça Tecelã” a protagonista rompe com esse ciclo, desfazendo as amarras que lhe foram impostas e retomando para si o controle de sua própria vida.

Ambos os contos, cada um à sua maneira, revelam as marcas da opressão de gênero e ao mesmo tempo, abrem espaço para reflexões sobre os processos de resistência, reconstrução e emancipação feminina. As narrativas demonstram que, embora os padrões patriarcais sejam profundamente enraizados, há fissuras por onde emergem o questionamento, a crítica e a possibilidade de transformação.

A partir dessas análises, fica evidente que a literatura, enquanto prática estética e social, possui um papel fundamental na problematização das questões de gênero e na construção de imaginários que contribuem para a luta pela igualdade e pela liberdade das mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos contos “Amor” de Clarice Lispector e “A Moça Tecelã” de Marina Colasanti, permite compreender de forma profunda e sensível a complexidade das opressões que atravessam a experiência feminina em sociedades estruturadas pelo patriarcado. Ambas as narrativas, embora distintas em suas linguagens e construções estéticas convergem na denúncia das violências simbólicas, psicológicas e estruturais que atuam sobre as mulheres, muitas vezes de forma silenciosa, naturalizada e invisível.

Nos dois contos, observa-se como a imposição de papéis sociais, esposa, mãe e

cuidadora, resulta no apagamento da individualidade feminina, restringindo seus desejos, suas escolhas e sua autonomia. Em “Amor”, a ruptura momentânea da rotina da personagem Ana revela sua alienação existencial, mostrando como o patriarcado molda subjetividades femininas marcadas pela negação de si e pela submissão às expectativas sociais. Já em “A Moça Tecelã”, por meio de uma construção poética e metafórica, evidencia-se a luta da mulher contra as amarras que limitam sua liberdade, transformando o ato de tecer em um símbolo de resistência, desconstrução e reconstrução da própria identidade.

As obras de Clarice Lispector e Marina Colasanti, ao dialogarem com perspectivas feministas e críticas, tornam-se instrumentos potentes de reflexão e questionamento sobre as desigualdades de gênero que, apesar dos avanços, ainda persistem nas estruturas sociais contemporâneas. Ambas as escritoras dão voz às subjetividades femininas, revelando não apenas os mecanismos de dominação, mas também os processos de resistência e a busca pela emancipação.

Portanto, este trabalho evidencia que a literatura ultrapassa sua função estética para assumir um papel social, político e formativo, atuando como espaço de denúncia, reflexão e transformação. Ao resgatar e problematizar as experiências femininas, os contos analisados reafirmam a urgência de se construir uma sociedade mais justa, igualitária e plural, na qual a mulher seja reconhecida como sujeito pleno de sua própria história, de seus desejos e de sua linguagem.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução: Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Fronteira, 2016.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 2. Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 41, ed. São Paulo, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

COLASANTI, Marina. **Eu sozinha**. Rio de Janeiro: Record, 1968.

COLASANTI, Marina. **A moça tecelã**. 1. ed. São Paulo: Global, 2007.

CHIAPPINI, Lígia. Literatura e História: notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura e Sociedade**, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 18–28, 6 dez. 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ls/article/view/18276>. Acesso em: 24 jun. 2025.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Tradução: Heci Regina Candiani. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LISPECTOR, Clarice. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MOISÉ, Massaud. **História da literatura brasileira**: das origens aos nossos dias. 24, ed. São Paulo, 2001.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. 31, Ed. São Paulo, 2001.

VERÍSSIMO, José. **Estudos de literatura brasileira**. 3, ed. Rio de Janeiro: livraria Francisco Alves, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do Coração Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

COLASANTI, Marina. **Doze Reis e a Moça no Labirinto do Vento**. São Paulo: FTD, 1996.